

# *Dicionário Inter-regional de Psicanálise*

## **AMAE**

### *Entrada tri-regional*

**Consultores inter-regionais: Takayuki Kinugasa (América do Norte),  
Elias M. da Rocha Barros (América Latina) e Arne Jemstedt (Europa)**

**Co-presidente da coordenação inter-regional: Eva D. Papiasvili (América do Norte)**

---

**Tradução para o português: Cristina Farias Ferreira  
(Sociedade Portuguesa de Psicanálise)**

**Coordenação e edição para a tradução para o português:  
Maria Cristina Garcia Vasconcellos (Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)**

## **I. DEFINIÇÃO INTRODUTÓRIA**

*Amae* é uma palavra japonesa usada quotidianamente. É um substantivo derivado de *amaeru*, um verbo. Ambos derivam dum adjetivo, *amai*, que significa "gosto doce". *Amaeru* é uma combinação dum verbo, *eru*, que significa "procurar" ou "obter" e *amai*. Assim, o significado original de *amaeru* é literalmente o de obter doçura. No uso comum, *amaeru* refere-se a comportar-se de modo infantil e dependente para atrair indulgência, para obter o que é desejado: seja afeto, proximidade física, apoio emocional ou real ou concessão dum pedido. Trata-se dum comportamento de apelo ao desfrute de indulgência e presume um grau de proximidade familiar ou íntima. Normalmente, o infante ou a criança pode atrair uma figura materna ou um cuidador dum modo docemente dependente para que os seus desejos sejam satisfeitos.

Os comportamentos *amae* e *amaeru* são observados fora do ambiente familiar e para além do período da infância nas interações interpessoais japonesas. Podem ocorrer em amizades pessoais próximas, na intimidade dum casal, na família alargada ou dentro de pequenos grupos coesos, como colegas de turma ou colegas de equipe. Também são encontrados em relacionamentos onde existem diferenciais de poder ou de status, como entre professor / aluno, chefe / subordinado ou colegas seniores / juniores. Dependendo das circunstâncias interpessoais, o fenómeno *amae* é amplamente aceite como significante da força e da solidez dum relacionamento, por um lado, mas, por outro lado, pode ser entendido negativamente como sinal de imaturidade da pessoa, autoindulgência, senso de direito ou falta de consciência social e de senso comum.

No Dicionário Norte Americano de Compreensão da Psicanálise, Salman Akhtar (2009) define *Amae* como “um termo japonês, que significa uma interação intermitente,

recorrente, culturalmente padronizada, em que as regras comuns de propriedade e formalidade são suspensas, permitindo que as pessoas recebam e deem apoio afetuoso ao ego uma da outra “(p. 12). Esta definição baseia-se na definição de Takeo Doi (1971/73) do termo, que se ampliou na terminologia psicológica do ego por Daniel Freeman (1998), para ser uma "regressão mútua interativa ao serviço do ego, que gratifica e serve o crescimento intrapsíquico progressivo e o desenvolvimento dos dois participantes "(Freeman, 1998, p.47). Os editores do dicionário japonês de psicanálise (Okonogi, K, Kitayama, O, Ushijima, S, Kano, R, Kinugasa et al., 2002) também se baseiam na definição de Doi e mencionam as complexidades da dependência emocional preverbalmente enraizada contida nos fundamentos dinâmicos de *amae*.

Não existe nenhum dicionário ou glossário conhecido em qualquer das línguas da IPA na Europa e na América Latina que inclua o termo *amae*, que assim tem permanecido amplamente desconhecido até ao momento para o mais vasto público psicanalítico. Este artigo expõe e desenvolve as fontes acima citadas.

## II. DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO

Como fenómeno psicológico, o conceito de *amae* foi introduzido e enfatizado por Takeo Doi na sua publicação de 1971 "A Anatomia da Dependência", que foi traduzida em 1973 para o público ocidental. Ele descreveu uma variedade de comportamentos *amae* nas interações sociais e clínicas japonesas e expressou a ideia da importância essencial do conceito de *amae* na compreensão da psicologia do povo japonês. O autor traduziu *amae* como "dependência ou dependência emocional" (1973) e definiu *amaeru* como significando "depender e presumir a benevolência de outrem" (1973). Ele considera-o revelador de “desamparo e desejo de ser amado" e a expressão da "necessidade de ser amado" e vê-o como equivalente a necessidades de dependência. Ele considera como protótipo a psicologia da criança em relação à mãe, não um recém-nascido, mas a criança que já percebeu que sua mãe existe independentemente de si mesma (Doi, 1973). Na sua última publicação, Doi (1989) amplia a formulação dinâmica de *amae*:

“Outro aspeto importante do conceito de *amae* é que embora indique em primeiro lugar um estado mental de satisfação, quando a necessidade de amor é satisfeita pelo amor do outro, também pode aludir a essa mesma necessidade de amor, porque nem sempre se pode contar com o amor do outro, por mais que se o deseje. Daí resulta que o estado de frustração em *amae*, cujas variadas fases podem ser descritas por um rol de palavras japonesas, também pode ser referido como *amae* e, de fato, muitas vezes é assim denominado, pois, evidentemente *amae* é mais intensamente sentido aquando do desejo frustrado do que quando realizado. Devido a este uso da palavra podemos falar de dois tipos de *amae*, um originário aquando da certeza dum destinatário disposto a satisfazê-lo e outro conturbado aquando da incerteza da existência dum tal destinatário. O primeiro tipo é infantil, inocente e tranquilo: o segundo é

imaturo, caprichoso e mais exigente : para dizer simplesmente, bom e mau *amae*, por assim dizer ... "(Doi, 1989, pág. 349.) (Referência bibliográfica: Doi, T.(1989/2011). O conceito de *amae* e suas implicações psicanalíticas. Alter -Revista de Estudos Psicanalíticos, v.29(I)129-138, 2011. Tradução Avelino Neto. Revisão de Maria Luiza Gastal, pp130. Disponível em [http://www.spbsb.org.br/site/images/Novo\\_Alter/2011\\_1/08Takeo.pdf](http://www.spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2011_1/08Takeo.pdf)) (NT. Concordo com Avelino Neto quando refere, em tradução do texto de Doi atrás citado, "*Parece que o autor teve dificuldades em encontrar adjetivos em inglês, que reflectissem apropriadamente as duas qualidades de amae...*": *op cit, pp132.*) (As traduções das citações são de minha inteira responsabilidade com exceção das convenientemente assinaladas.)

A afirmação de Doi de que *amae*, ou seja, a dependência emocional, distingue a psicologia do povo japonês de forma especial e única tem sido aceite com entusiasmo e também com cético criticismo. Daí surgiram debates como: De que maneira específica a psicologia do povo japonês deve ser entendida? Doi propõe que o caráter japonês seja essencialmente dependente? Como é que o conceito de *amae* se articula com as teorias e práticas psicológicas e psicanalíticas existentes? De que modo *amae* se correlaciona com a compreensão do desenvolvimento humano universal? Como é que o conceito de *amae* contribui para novos desenvolvimentos específicos na teoria e prática da compreensão psicanalítica?

### III. PERSPECTIVAS SÓCIO-CULTURAIS

Erik Erikson (1950) descreveu a maneira como as variadas e específicas influências sociais e culturais resultam em diferentes modos de adaptação durante o processo de crescimento e desenvolvimento psicológico do ser humano. Ele ampliou as fases de desenvolvimento psicossocial de Freud, baseadas na biologia, para incluir fases psicossociais do desenvolvimento humano para além da resolução edipiana, estendendo-as ao longo do ciclo de vida. Podem ser também avaliados neste contexto o conceito de *amae* de Doi e a sua significação na compreensão da natureza específica da psicologia dos japoneses.

Muitos cientistas sociais e observadores interculturais assinalaram a particularidade da sociedade japonesa e as respetivas adaptações psicológicas. O conceito de *amae* de Doi acrescenta outra dimensão a este discurso. Algumas características importantes observadas como específicas da sociedade e da cultura japonesas incluem:

1. Relações sociais hierarquicamente organizadas;
2. Orientação grupal sobre a distinção individual;
3. Separação do privado e do público, de relações internas e externas em pensamentos, sentimentos e conduta;
4. Ênfase na vergonha (gerada pelo julgamento externo) e na culpa (expressão de julgamento interno);

5. Evitamento de conflitos e valorização da harmonia;
6. Estilo parental indulgente, responsivo e permissivo durante a infância e a primeira infância, seguido de atribuição de função social cada vez mais rigorosa e controle comportamental em anos posteriores.

Amplamente reconhecida e observada vivamente por antropólogos culturais como Ruth Benedict (1946) e o historiador Edwin O. Reischauer (1977), e articulada ainda mais por Chie Nakane, o mais conhecido antropólogo japonês fora do Japão (1970), é a onnipresença da natureza hierárquica vertical da maioria dos relacionamentos japoneses. Relacionado e interligado com o atrás exposto, as características citadas acima são o eco cultural e psicológico de quatro séculos dum sistema feudal de rígida estratificação de classe política e socioeconômica. A modernização sob influência do Ocidente teve início no final do século 19 e desenvolveu-se sobretudo após a Segunda Guerra Mundial com as novas instituições governamentais democráticas e muitas mudanças sociais na vida pública política, econômica e tecnológica. No entanto, os valores e características culturais tradicionais têm vindo a perdurar na vida japonesa contemporânea como correntes psicológicas inferiores. Reischauer (1977) chama a atenção para a capacidade de adaptação japonesa à mudança e reconhece muitas semelhanças entre os orientais e os ocidentais. Dean C. Barnlund (1975), em análise cultural comparativa dos EUA e da aderência japonesa aos valores culturais fundamentais transmitidos como normativos numa sociedade, refere-se a *amae* como representante do "inconsciente cultural".

Crucial na compreensão de *amae* deste ponto de vista é a prática de maternagem que proporciona proximidade física constante, indulgência, responsividade, cuidados maternos profundamente empáticos e a disponibilidade de outros cuidadores ao redor da criança. Devido ao espaço físico limitado da vida insular, a proximidade de outras pessoas e a necessidade de viver lado a lado tornam-se condição de vida no Japão. Não só a família alargada, mas também os vizinhos e a comunidade circundante são apresentadas a uma criança muito cedo. Qualquer adulto na vizinhança é chamado *oji-san*, tio, ou *oba-san*, tia, e as crianças mais velhas são *onei-san*, irmã mais velha ou *onii-san*, irmão mais velho. Eles constituem potenciais cuidadores na vida dum criança, proporcionando uma sensação de segurança em pertencer ao grupo. Alan Roland (1991) contrastou vivamente o conceito de "self familiar" predominante na psique japonesa, enraizado nas relações hierárquicas emocionais subtis da família e do grupo, com o "self individualizado" ocidental. Reischauer (1977) considera que os japoneses não são assim tão apegados à família, mas mais aos grupos circundantes. Isso pode sugerir um "self grupal" no sentido de que uma criança muito cedo identifica e internaliza o seu lugar num grupo.

Ilustrativo desta dinâmica é uma celebração ritual tradicional japonesa chamada *Hichi-Go-San*. Crianças de idades de 2 a 3, 4 a 5 e 6 a 7 são celebradas em trajes tradicionais e levadas ao santuário local da comunidade onde residem. Elas recebem doces e brinquedos como presentes numa celebração coletiva dum passagem da infância.

#### IV. IMPLICAÇÕES PSICANALÍTICAS DO CONCEITO DE AMAE

Conforme considerado anteriormente, embora Doi seja de muitas maneiras preciso e perspicaz em demonstrar o fenômeno particular de *amae* nos japoneses e em interações clínicas, a sua primeira definição sobre o conceito de *amae* (1973) como "necessidade de dependência no desamparo" e "desejo de ser amado" desencadeou uma série de debates teóricos e clínicos. Do ponto de vista do desenvolvimento, *amae* precede a aquisição da linguagem na criança. Por exemplo, os japoneses dizem duma criança que expressa ativamente os seus desejos pela mãe: "Esta criança está desta maneira emocionalmente dependente (*amaeru*)". Quando a criança continua a experienciar o desejo de presença da sua mãe, esta configuração emocional torna-se no núcleo da sua vida emocional consciente e inconscientemente. Isto pode ser comparado ao que Freud expôs sobre o conceito de "sexualidade", exclusivo da psicanálise. "Utilizamos a palavra *sexualität* ['sexualidade'] no mesmo sentido abrangente que aquela em que a língua alemã usa a palavra *lieben* ['amar']" (Freud, 1910). Neste sentido, os japoneses pensam no complexo de Édipo, onde amor e sexo estão entrelaçados, embora não existam palavras que correspondam a *lieben* ou amor na língua japonesa. Em conformidade pode-se considerar que "*amae*" constitui o fluxo principal da vida emocional ao longo das nossas vidas antes do complexo de Édipo, mesmo no mundo exterior ao Japão, onde a palavra "*amae*" ainda não existe. Embora *amae* corresponda a um conceito verbal como amor, contudo, ao contrário deste, caracteriza-se pelo fato de não conter "sexualidade" por si só. Além disso, há indícios de que os elementos de *amae* estão contidos em vários estados psíquicos subjacentes à ambivalência. Assim sendo, pode ser útil comparar *amae* a vários conceitos psicanalíticos conhecidos.

Freud afirmou que havia duas correntes de amor: a corrente afetiva e a sensual. "A corrente afetiva é a mais antiga das duas. Constitui-se nos primeiros anos da infância; forma-se na base dos interesses do instinto (N.T. Como nos lembram Laplanche e Pontalis, «a escolha do termo *instinct* como equivalente inglês ou francês de *Trieb* não só é uma inexatidão de tradução como ameaça introduzir uma confusão entre a teoria freudiana das pulsões e as concepções psicológicas do instinto animal e esbater a originalidade da concepção freudiana designadamente a tese do carácter relativamente indeterminado do impulso motivante e as noções de contingência do objeto e da variabilidade dos alvos» in Laplanche e Pontalis(1967/1990). Vocabulário da Psicanálise. Lisboa: Editorial Presença, p.210.) de autopreservação e dirige-se aos membros da família e aos que cuidam da criança ... "(Freud, S.(1912/1969). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor . Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XI,pp- 186). Isto corresponde aos princípios pulsionais de auto preservação de *amae*. A corrente afetiva decorrente disto foi absorvida no conceito de narcisismo (Freud, 1914). Aqui, Freud escreveu que, embora o narcisismo primário não possa ser confirmado por observação direta, pode ser inferido da "atitude de pais afetuosos para com os filhos [...] que é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram" (Freud, S.(1914/1969). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIV, 97). Enquanto

Freud (1930) aboliu a sua concepção da pulsão de auto preservação e chegou à conclusão de que a afeição era uma manifestação de Eros ( pulsão sexual) (N.T. " As pulsões de vida também designadas pelo termo Eros, abrangem não apenas as pulsões sexuais propriamente ditas, mas ainda as pulsões de autoconservação" in Laplanche e Pontalis(1967/1990). Vocabulário de Psicanálise. Lisboa. Editorial Presença, pp.356) cujo objetivo original é reprimido, Doi propôs que *amae* correspondesse à pulsão de auto preservação de acordo com a teoria inicial de Freud das pulsões e definiu *amae* como necessidade de dependência derivada da pulsão.

Além disso, Freud (1921) viu a identificação como a primeira expressão dum laço emocional com outra pessoa, ambivalente desde o início. Assim, a identificação de Freud pode corresponder às propriedades identificatórias e ambivalentes subjacentes a *amae*.

Ao elaborar o conceito ainda mais dentro da matriz da relação de objeto, Doi (1989, p.350) reiterou que *amae* é relação objetual desde o início. Embora possa não corresponder ao conceito de narcisismo primário de Freud, "ajusta-se muito bem a qualquer estado mental que possa ser chamado de narcisista" (ibid, p.350). Neste sentido, as propriedades narcisistas de *amae* subjazem a *amae* " conturbado que se expressa por ser imaturo, caprichoso e exigente. Na mesma linha, Doi (1989) escreve que (1989), "um novo conceito de self- objeto definido por Kohut como" esses objetos arcaicos catexizados com libido narcisista "(1971, p.3) será muito mais fácil de compreender à luz da psicologia de *amae*, uma vez que "a libido narcisista" não é outra coisa que *amae* conturbado "(Doi, 1989, p. 351). Nesta linha, os analistas japoneses consideram o conceito de "necessidades de self -objetos" de Kohut (Kohut, 1971) como quase equivalente a *amae*. Também a observação de Balint de que "na fase final do tratamento, os pacientes começam a expressar desejos infantis, pulsionais, há muito esquecidos, e a exigir a sua gratificação por parte do meio " (Balint, 1936/1965, p.181) torna-se relevante, porque "o *amae* originário se manifestará somente após as defesas narcísicas terem sido elaboradas na análise" (Doi, 1989; p. 350).

Com base em Freud e Ferenczi, as idéias de Balint (1936/1965) sobre "amor objetual passivo" e amor primário são conceitualmente mais próximas de "*amae*". Ele considerava que as línguas indo europeias não distinguem claramente entre as duas formas de amor objetual, ativa e passiva. Enquanto o objetivo é sempre de obter amor passivo, primário (ser amado), se a criança receber do meio amor e aceitação suficientes para mitigar frustrações, a criança pode progredir para o amor objetual ativo em vez de recebê-lo (configuração de 'amor objetual ativo). Em termos clínicos, existe um vínculo entre *amae* primitivo e o termo "regressão benigna" de Balint e entre *amae* conturbado e seu termo "regressão maligna".

Embora Fairbairn (1952) valorizasse o processo de dependência no desenvolvimento precoce em geral, ele não adotou a ideia da necessidade de dependência dentro do seu sistema de relações de objeto. Os conceitos de inveja de Klein (*higami* /inveja) e a identificação projetiva (1957) podem ser vistos como *amae* distorcido, enquanto compartilham o mesmo objeto. Muitos analistas japoneses vêem Bion (1961) como tendo "predito" o *amae* de Doi no contexto da dinâmica de grupos, quando postulou um sentimento de segurança existente em cada um dos estados emocionais associados às fantasias dos três pressupostos básicos: dependência, luta- fuga e acasalamento. Do mesmo modo, os conceitos de " continente " e "conteúdo" de Bion, bem como o *holding* de Winnicott, a "adequada adaptação " de Hartmann

e a "inter afetividade" de Stern revelam subjacente similaridade conceitual com *amae*, enquanto apresentam reflexões a partir de diferentes perspectivas sobre a dependência infantil aos pais, clinicamente aplicáveis à matriz intersubjetiva da transferência-contratransferência no processo psicanalítico.

## V. PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO ADICIONAIS

Do ponto de vista dinâmico do desenvolvimento, é importante ressaltar que Doi (1971) considera a origem de *amae* no relacionamento do bebê com a sua mãe, não enquanto recém-nascido, mas quando se apercebe da sua existência independente e a vê como fonte indispensável para gratificação. Isto sugere que *amae* surge numa fase de desenvolvimento, quando já ocorreu a diferenciação do ego, quando a cognição, o julgamento e a identificação já vigoram e a constância objetal foi alcançada. Implica ainda que a fase de separação-indivuação de Mahler (1975) está a progredir após desenvolvimento com sucesso da fase simbiótica e da prática da fase subsequente. A mãe passa a existir como um ser separado e o seu desfrute benevolente e indulgente para com a criança foi internalizado.

Se for este o caso, a estrutura psíquica do superego também se encontra prestes a emergir. As prestações japonesas prevaletentes de cuidados às crianças parecem apoiar este ponto de vista. A abundante atenção materna com capacidade de resposta empática não-verbal e a proximidade física e emocional disponíveis conduzem a uma passagem satisfatória através da fase simbiótica e da fase de separação-indivuação do desenvolvimento da criança. Os avanços na pesquisa sobre a infância (Stern, 1985), bem como na psicologia do self, nos últimos anos, endossam esta abordagem parental que promove o crescimento conduzindo a um conceito consolidado do self.

No resumo esquemático do desenvolvimento de Gertrude e Rubin Blanck (1994), podemos considerar *amae* como oriundo do processo de neutralização da pulsão agressiva aquando do processo de separação-indivuação num progresso ativo. Começando com o treino de *toilet* e a capacidade de controlar as funções corporais e as expressões fálicas assertivas individuais surgirá uma moderação da pulsão agressiva pelo desenvolvimento do superego. Contrariamente a este cenário típico ocidental, Reischauer (1977) observa que o treino de *toilet* e a disciplina comportamental das crianças japonesas são realizados com afabilidade e com cuidados constantes, através de exemplos, incentivos e lembretes. Estes métodos promovem a identificação da criança com os cuidadores na moderação da pulsão agressiva e a renúncia às necessidades individuais em favor da adaptação às expectativas externas, chegando assim por uma via diferente à formação do superego. No entanto, as regras externas, os papéis, as exigências de harmonia, obediência, etc., cada vez mais complexas e frequentemente restritivas, são valores culturais difíceis de serem adaptados, causando um *stress* considerável sobre a psique individual ainda frágil. A vergonha oriunda de julgamento externo e a ameaça de retirada duma ligação amorosa podem ser utilizadas para levar ao cumprimento das exigências do superego na renúncia às necessidades individuais da criança.

Nestas negociações conflituosas entre o superego e as exigências do Id, pode haver lugar a regressão à fase de aproximação, quando a criança procura uma reafirmação temporária do conforto da simbiose materna antes de avançar novamente rumo a um caminho individualizado e separado. Tanto Akhtar (2009) quanto Freeman (1998) descrevem o aspeto de reabastecimento emocional da função de *amae*. A observação de Freeman de *amae* como anseio temporário, intermitente e a sua ênfase no benefício mútuo recíproco da interação *amae* apoiam esta hipótese. Ampliando a sua observação da mutualidade na interação *amae*, também deve ser entendido que *amae* pode ser iniciado pela parte "dependente" principalmente em benefício da outra parte. Por exemplo, o recetor de *amae* pode, consciente ou inconscientemente, pressentir a necessidade dum mãe ansiosa em ser tranquilizada pela criança, porque a necessidade de separação da criança pode ser sentida por ela como rejeição; *amae* também pode atender à necessidade dum chefe inseguro de sentir o poder sobre um subordinado adulator, ou a necessidade dum pai idoso de experienciar seu valor perante uma criança crescida. Por este motivo, às vezes o comportamento "amigável" de *amae* pode camuflar uma busca agressiva desafiadora formulada de forma apropriadamente dependente, o que corresponderia à referência de Doi (1989) a "*amae* negativo / conturbado".

Enquanto a definição original de Doi de *amae* (1971, 1973) como "desejo indefeso de ser amado" enfatiza o aspeto da passividade, esta dimensão passiva parece ter a sua própria complexidade. Tal como Doi (1971, 1973, 1989), Balint (1935/1965, 1968) considera *amae* como um esforço/ necessidade primária com uma base biológica e desejo de amor, e Bethelard e Young-Bruehl (1998) consideram *amae* de Doi como a expectativa em ser indulgentemente amado, a que eles designam acarinamento, de origem pulsional e surgindo no nascimento. Eles, assim como Doi antes deles, propõem uma reconsideração da hipótese da pulsão de auto conservação do ego, com relação a *amae*. Tendo em conta a pesquisa infantil mais recente que menciona uma maior aptidão infantil para o envolvimento ativo, a gama "passivo-ativo", pertencente a *amae*, pode requerer estudos mais aprofundados. No contexto de *amae*, esta atividade observada comportamentalmente, por exemplo nos estudos sobre o *attachment* de Bowlby (1971), reflete uma experiência interna, com o *attachment* como sua manifestação comportamental (Doi 1989). Podemos colocar a hipótese que psicanaliticamente *amae* apresenta um conceito em camadas, que retrata um esforço pulsional /afetivo ativo para receber amor passivamente, sendo indulgente.

Uma alternativa para a definição de *amae* de Doi como "desejo-pulsão " (1971) seria reformular a definição de *amae*, como um tipo específico de defesa, particularmente prevalente na psicologia japonesa, embora certamente exista noutros lugares, Oriente ou Ocidente. Podemos então considerar *amae* como operação defensiva do ego, um "apelo à indulgência/ tolerância", que gere as exigências do superego e as do id ou desejos individuais, onde quer que estejam localizados no ciclo de vida do desenvolvimento. Esta forma de defesa egóica talvez seja necessária para a adaptação a uma sociedade rígida, que exige uma conformidade inflexível superegógica. A ordem relacional hierárquica e a orientação grupal, com estrito cumprimento das regras, dos papéis e da conduta, onde pensamentos e emoções privados devem ser mantidos em segredo, e onde os conflitos são resolvidos por causa da vergonha, tudo parece ser uma maneira de lidar com um superego que se originou numa sociedade feudal. Para funcionar com estas exigências de superego rígidas ou exigentes, *amae*

conta com a comunicação emocional não-verbal e com respostas empáticas e de "doce" compreensão como "tolerância" - "indulgência" - como uma defesa necessária contra sua pulsão agressiva ou de ansiedade em torno da possível perda do objeto. A mediação do Ego por parte de *amae* abre espaço para a vida emocional privada de uma pessoa e permite algumas vias para a expressão de energias pulsionais individuais, libidinais ou agressivas. *Amae* tem origem na identificação com experiências pré-verbais de um cuidador indulgente, com a capacidade para sentir as necessidades e desejos emocionais da criança a que responde com empatia, análogo talvez ao conceito de "preocupação materna primária" de Winnicott (1965), ao caracterizar "a mãe devotada". Neste contexto, a diferenciação de Winnicott entre a mãe-ambiente que providencia relações do ego (*holding*, ternura, empatia) e a mãe-objeto a quem se dirigem os impulsos /pulsões do id, podem representar a posterior reprodução, do ponto de vista das relações de objeto, da divisão inicial de Freud entre correntes de amor afetivas e sensuais.

As comunicações comportamentais de *amae* e *amaeru* podem ser reunidas numa variedade de operações defensivas, como repressão, regressão e regressão parcial, anulação, formação reativa, um "segredo mútuo" ou mesmo como caminho para a sublimação.

Dentro desta formulação de defesa-adaptação também a noção de "mutualidade" está, do ponto de vista do desenvolvimento, relacional e transferencial, implícita em *amae*. Podem ser aplicáveis o conceito de Hartmann (1958), de bebê e mãe adaptados, a ideia de Winnicott (1965) de "holding", bem como o conceito de Bion (1962) de "continente / conteúdo", o "self-objeto" de Kohut (1971) e a "inter afetividade" de Stern (1985). Os comportamentos *amae* podem estar operacionais ao longo do ciclo de vida sempre que os desejos e as necessidades do indivíduo colidam com as restrições culturais do superego.

## VI. CONCLUSÃO

Resulta do exposto que os comportamentos e atitudes *amae* não podem ser vistos apenas como simples expressão de necessidade de dependência. É vantajoso considerá-lo dentro de permutações contextuais complexas de pulsão/ desejo, bem como de configuração defensiva. Esta visão complexa é especialmente aplicável às interações da transferência. O surgimento de *amae* na díade clínica pode indicar a transferência positiva pela crescente confiança e honestidade para com o clínico, o que pode promover a aliança de trabalho. Doi (1989) assume de fato que qualquer que seja o motivo consciente que induz o paciente a procurar tratamento psicanalítico, o motivo inconsciente subjacente é o de *amae* e, em última instância, ao longo do tempo, isto converte-se no núcleo da transferência. No entanto, os clínicos precisam estar conscientes da natureza hierárquica inerente da transferência, especialmente na situação clínica japonesa (ou, quanto a isso, em qualquer configuração psicanalítica) e ser sensível e estar em sintonia com a comunicação não verbal ou indireta tanto do *amae* "positivo" como do "negativo", se estes forem conceitualizados como necessidades

primárias, esforços pulsionais, mecanismos de defesa ou uma complexa configuração dinâmica de desenvolvimento de todos as características acima. Da mesma forma, a orientação grupal de pacientes japoneses não pode simplesmente ser entendida como falta de limites ou de individuação, como pode parecer simplista na cultura ocidental.

Embora devamos a descoberta do conceito de *amae* ao contexto específico japonês, este pode ser encontrado em graus variados entre as culturas. Dentro dum contexto psicológico grupal, relaciona-se através de modos complexos à necessidade dum indivíduo separado de viver e pertencer a uma determinada configuração grupal. Do ponto de vista do desenvolvimento e clinicamente, enquanto se pode aperceber o eco do apoio constante materno precoce, continência e *holding*, a dinâmica interativa interna de *amae* estende-se por toda a vida do indivíduo (Doi, 1989; Freeman, 1998).

A contribuição seminal de Doi sobre *amae* precisa ser apreciada como um conceito japonês de desenvolvimento regional específico e clínico com alcance global, fluência teórica enriquecedora e sensibilidade clínica nas fronteiras geográficas, cultura psicanalítica e condições individuais.

## REFERÊNCIAS

- Akhtar, S. and Kramer, S. (1998). *The Colors of Childhood: Separation Individuation across Cultural, Racial and Ethnic Differences*. Northvale, NJ: Jason Aronson.
- Akhtar, S., ed. (2009). *Comprehensive Dictionary of Psychoanalysis*. London: Karnak.
- Balint, M. (1935/1965). Critical notes on the theory of pregenital organizations of the libido. In, *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. New York: Liveright Publishing.
- Balint, M. (1936). The Final Goal of Psycho-Analytic Treatment. *Int. J. Psycho-Anal.*, 17:206-216.
- Balint, M. (1968). *The Basic Fault: The Therapeutic Aspects of Regression*. London, New York: Tavistock Publications.
- Benedict, R. (1946). *The Chrysanthemum and the Sword*. Cambridge, Mass: The Riverside Press.
- Bethelard, F. and Young-Bruehl, E. (1998). Cherishment Culture. *American Imago*. 55: 521-542.
- Barnlund, D.C. (1975) *Public and Private Self in Japan and the United States*. Tokyo: Simul Press.
- Bion, W.R. (1961). *Experiences in Groups and Other Papers*. New York: Basic Books.
- Bion, W.R. (1962). *Learning from Experience*. London: Tavistock.

- Blanck, G. and Blanck, R. (1994). *Ego Psychology: Theory and Practice*. New York: Columbia University Press.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss, Vol.1: Attachment*. New York: Basic Books. (revised edition, 1982).
- Doi, T. (1962). *Amae: a key concept for understanding Japanese personality structure. Japanese Culture*. (R.J.Smith & R.K.Beardsley, transl,eds.) Chicago: Adline Publishing.
- Doi, T. (1963). Some thoughts on helplessness and the desire to be loved. *Psychiatry*. 26,266-272,
- Doi, T. (1971). *The Anatomy of Dependence*. Tokyo: Kodansha. (Japanese original)
- Doi, T. (1973). *The Anatomy of Dependence*. Kodansha International, Tokyo (English Translation).
- Doi, T. (1989). The Concept of AMAE and its Psychoanalytic Implications. *Int. R. Psycho-Anal*, 16:349-354.
- Doi, T. (1992). On the concept of Amae; *Infant Mental Health Journal*,13, 7-11
- Doi, T. (1993). Amae and transference love. In: *On Freud's "Observations on Transference Love"*. E.S. Person, A. Hogelin & P. Fonagy, eds. Pp: 165-171.
- Erikson, E.H. (1950). *Childhood and Society*, New York: W.W. Norton.
- Fairbairn, W.R.D. (1952). *Psychoanalytic Studies of the Personality*. Routledge & Kegan Paul, London / *An Object-Relations Theory of Personality*. Basic Books, New York.
- Freeman, D. (1998). Emotional Refueling in development, mythology, and cosmology: the Japanese separation-individuation experience. In: Akhtar, S. and Kramer, S. (eds), *The Colors of Childhood: Separation Individuation across Cultural, Racial and Ethnic Differences*.Northvale, NJ: Jason Aronson.
- Freud, S. (1910). 'Wild' Psycho-Analysis, *S.E.XI*.
- Freud, S. (1912). On the universal tendency of debasement in the sphere of love (Contributions to the psychology of love II), *S.E.XI*.
- Freud, S. (1912). On the universal tendency of debasement in the sphere of love (Contributions to the psychology of love II), *S.E.XI*.
- Freud, S. (1914). On narcissism. *S.E. XIV*.
- Freud, S. (1921). Group psychology and the analysis of the ego., *S.E.XVIII*.
- Freud, S. (1930). Civilization and its discontents, *S.E.XXI*.
- Hartmann, H. (1958). *Ego Psychology and the Problem of Adaptation*. New York:International University Press.
- Klein, M. (1957). *Envy and Gratitude*, London: Tavistock Publications.

- Kohut, H. (1971). *The Analysis of the Self*. Madison: Int.Univ.Press.
- Mahler, M.S. and Furer, M. (1968). *On Human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation*. New York: Int.Univ.Press.
- Mahler, M.S., Pine F., M.M. and Bergman, A .(1975). *The Psychological Birth of the Human Infant*. New York: Basic Books.
- Nakane, C. (1970). *Japanese Society*. Berkeley: University of California Press.
- Okonogi, K., Kitayama, O., Ushijima, S., Kano, R., Kinugasa, T., Fujiyama, N., Matsuki, K., Myouki, H., eds. (2002). *The Japanese Dictionary of Psychoanalysis*. Tokyo: Iwasaki Gakujutu Shuppansha Books.
- Passim, H. (1965). *Society and Education in Japan*. New York: Columbia University Press.
- Reischauer, E.O. (1977). *The Japanese*. Cambridge, London:Belknap Press.
- Roland, A. (1991). *In Search of Self in India and Japan: Toward a Cross Cultural Psychology*. Princeton: Princeton University Press.
- Spitz, R.A. (1965b); *The First Year of Life: Normal and Deviant Relations*. New York: Int. Univ. Press.
- Stern, D.N. (1985). *The Interpersonal World of the Infant: A View from Psychoanalysis and Developmental Psychology*. New York: Basic Books.
- Winnicott, D.W. (1965). *The Maturation Process and the Facilitating Environment*.New York: International University Press.

## **Consultores Regionais e Colaboradores**

**América do Norte:** Escrito em colaboração por Takayuki Kinugasa, M.D. e os membros da Sociedade Psicanalítica Japonesa; Nobuko Meaders, LCSW; Linda A. Mayers, PhD; Eva D. Papiasvili, PhD, ABPP

**Europa:** Revisto por Arne Jemstedt, MD, e os consultores europeus

**América Latina:** Avaliado por Elias M. da Rocha Barros, psicanalista e os consultores latino-americanos

**Co-presidente de coordenação inter-regional:** Eva D. Papiasvili, PhD, ABPP

**Assistência editorial especial adicional:** Jessi Suzuki, M.Sc.

---

O Dicionário Enciclopédico Interregional de Psicanálise da IPA está licenciado sob Licenças *Creative Commons* CC-BY-NC-ND. Os direitos principais permanecem com os autores (IPA e membros colaboradores da IPA), no entanto o material pode ser utilizado por terceiros, não com fins comerciais, desde que com atribuição total à IPA (incluindo a referência à URL [www.ipa.world/IPA/Encyclopedic\\_Dictionary](http://www.ipa.world/IPA/Encyclopedic_Dictionary)) em reprodução literal, não de forma derivada, editada ou remixada. Clique aqui para visualizar termos e condições.

---

**Tradução para o português:** Cristina Farias Ferreira (Sociedade Portuguesa de Psicanálise)

**Coordenação e edição para a tradução para o português:** Maria Cristina Garcia Vasconcellos (Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)